



## PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS

Maria Cecília Takayama Koerich<sup>1</sup>

### Resumo

Este ensaio analisa os discursos produzidos sobre corpo, gênero e sexualidade pelo aplicativo Tinder, ambiente virtual lançado e ativo desde 2012. Como existir neste espaço-tempo e como relacionar-se no – e *com* – este mundo? Os diversos ambientes virtuais e seus dispositivos tecnológicos não podem ficar à margem de pesquisas e investigações acadêmicas em um tempo em que a constante exposição a essas ferramentas nos tem demonstrado sua grande capacidade de produção e circulação de sentidos e de significados. Um dos questionamentos possíveis é sobre a existência de um discurso de verdade do corpo, sexualidade, gênero neste ambiente.

**Palavras-chave:** Tinder. Relacionamento líquido. Gênero-sexualidade.

### Um utilitário para o amor-líquido

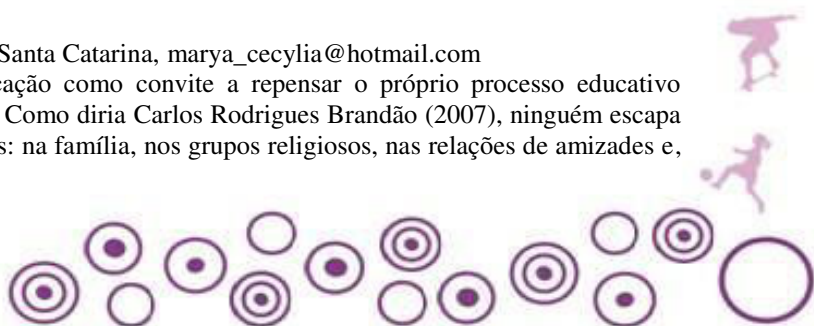
Neste trabalho, busco trazer ao debate a capacidade socializadora dos meios midiáticos virtuais, em especial do aplicativo Tinder. Temos na contemporaneidade artefatos culturais que permitem/convidam à interação humana, e, mais ainda, promovem uma formação contínua imperativa da constituição do sujeito e sua subjetividade.


A partir da concepção que destaca a educação enquanto um processo de construção<sup>2</sup> social, cultural e individual que ocorre pela comunicação dialógica entre indivíduos (FREIRE, 1987), inscreve-se neste ensaio a máxima “estranhar o que é familiar e familiarizar-se com o estranho” (VELHO, 1978). Inseridos no universo virtual, somos sujeitos deste meio: o fato de ser quase impossível pensar na existência humana atual sem sua presença demonstra o quanto somos atravessados pelos dispositivos tecnológicos e o abre a pergunta sobre o quanto, e de que forma, esta condição implica em nossa formação.

Os aplicativos de relacionamento, assim como demais artefatos culturais, possuem uma historicidade. Há uma razão para seu surgimento, uma necessidade a ser suprida dentro do contexto histórico, social e cultural a qual faz parte. Sendo assim, o Tinder surgiu no final

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, [marya\\_cecylia@hotmail.com](mailto:marya_cecylia@hotmail.com)

<sup>2</sup> Falo na possibilidade de construção da educação como convite a repensar o próprio processo educativo estendido a todos nós enquanto fenômeno social. Como diria Carlos Rodrigues Brandão (2007), ninguém escapa da educação. Ela está em todos os espaços sociais: na família, nos grupos religiosos, nas relações de amizade e, portanto, também nos ambientes virtuais.





de 2012 nas universidades americanas, criado por Justin Mateen e Sean, tendo como elemento estrutural a ascensão das mídias sociais a partir da evolução da tecnologia, em especial: plataformas móveis. Souza (2016) registra dados bem específicos deste histórico, destacando a forte adesão do público brasileiro:

Criado em 2012, o Tinder é um aplicativo de localização de pessoas para encontros, disponível para smartphones e tablets com sistemas iOS ou Android. Mundo afora, o Tinder possui 100 milhões de usuários. Dez por cento deles, ou seja, 10 milhões, são brasileiros. Isso faz do Brasil o terceiro maior mercado do aplicativo, atrás apenas dos Estados Unidos e do Reino Unido.

Acrescentam-se a estes outros dados descritivos bastante úteis:

O aplicativo para dispositivos móveis Tinder funciona como o radar do par perfeito. Ele localiza pessoas próximas ao usuário que possuam os mesmos interesses e possam agradar o possível pretendente. Os que usam o programa devem primeiro possuir um perfil na rede social Facebook. A partir da conta na rede, eles se conectam ao Tinder, que recolhe todas as informações publicadas no site, incluindo fotos. A seguir, o usuário deve configurar algumas preferências no aplicativo: se quer se relacionar com homens ou mulheres, a quantos quilômetros de distância pode estar o pretendente (até 160 km) e qual a idade média que os candidatos devem possuir (acima de 18 anos). (CONSTANTINO, 2015, p. 31).

Surgem, assim, alguns questionamentos: qual a necessidade de recorrermos a um dispositivo midiático para socialização? Como definimos as pessoas com as quais nos relacionamos? Há um discurso de verdade do corpo, sexualidade, gênero neste ambiente? Podemos dizer que nossos relacionamentos pautados por dispositivos midiáticos são superficiais e precipitados? O que pode ter sido alterado em nossa vivência ao desenvolvermos aplicativos como o Tinder?


### **Tinder: modo de uso**

O funcionamento do aplicativo é simples. Há a possibilidade de se ser inserido neste ambiente a qualquer momento. Basta fazer um cadastro fornecendo algumas informações pessoais. Pode-se também vinculá-lo a perfis já existentes em outras redes sociais, como Facebook e Instagram. Imagens são anexadas ao cadastro, de acordo com sua escolha, ofertando aos demais sujeitos do Tinder um discurso imagético.

Uma vez no ambiente virtual, o usuário do Tinder pode verificar outros perfis cadastrados apresentados a partir de sua orientação sexual ou preferência de público: homem, mulher ou ambos.

A localização geográfica também é item importante de seleção, pois possibilita determinar a distância entre as pessoas inseridas no aplicativo. Para que ocorra o *match* – a combinação – é preciso interesse mútuo, isto é, só acontecerá *match* caso você e a pessoa a qual está interessada manifestem vontade de conhecerem-se. Há ainda a possibilidade de





explicitar a alguém seu desejo de conhecê-la, ao acionar um item que demonstra a sua preferência por ela, o que muda a cor do perfil ao ser visualizado.

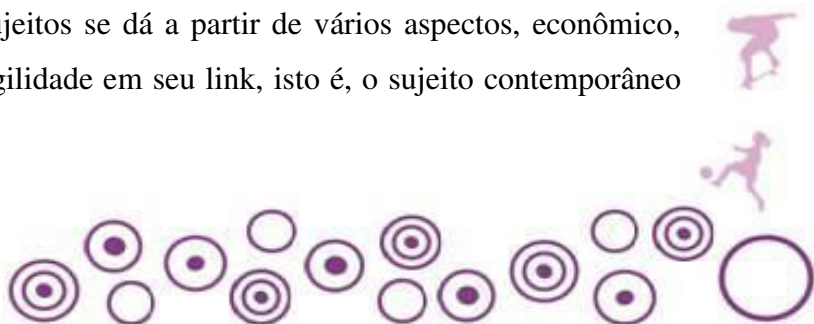
Um deslizar de dedos na tela do smartphone ou no tablet definirá com quem se deseja relacionar ou não. Literalmente, o dedo “arrasta” na tela os demais perfis, dividindo-os entre possíveis pretendente (para a direita) ou descartes (para a esquerda).


A imagem no perfil do Tinder produz sentidos no público que a observa. Este fenômeno, muitas vezes, pode definir a pessoa em questão e suas escolhas. Sabemos que uma fotografia, por mais bela ou realística, jamais dará conta de apresentar alguém em sua magnitude e totalidade, pois a vida real e a complexidade humana não pode ser identificada apenas pela sua representação. Mesmo assim, muitos dos usuários definem suas escolhas a partir das imagens elencadas no perfil apenas, sem atentar a uma produção textual descritiva do suposto pretendente. Isso é tão relevante a ser analisado que, se observarmos com criticidade as fotos inseridas no Tinder, podemos perceber repetições discursivas de imagem, necessidade de afirmação enquanto corpo-desejo, paisagens selecionadas propositalmente para serem exibidas em redes sociais, uma felicidade contagiante ou até mesmo uma melancolia poética. Em outras palavras, o Tinder é uma vitrine de pessoas.

O pensamento de que os usuários estariam no Tinder para vender a si mesmos mostra outra face de como a sociedade consumista de hoje influencia tanto os relacionamentos amorosos e a forma como as redes sociais são utilizadas. Nesses websites e programas, ninguém aparenta estar triste ou passar por algum problema. A felicidade é a máxima e a (boa) aparência a chave condutora. Personalizamos nossos perfis para que mostrem o melhor de cada um de nós e compartilhamos aquilo que nos faz parecer inteligentes e interessantes. (CONSTANTINO, 2015, p. 35).

É pertinente trazermos ao debate sobre o Tinder e demais artefatos culturais contemporâneos, o pensamento de Zygmunt Bauman sobre a nossa sociedade, este meio fluido, indefinido, que ele chama de *líquido*. E nós estamos inseridos nele, equilibrando nossos anseios, afetos: consumindo e sendo consumidos pelo desamparo do enlace social. Bauman (1998) nomeia nosso período histórico como *modernidade líquida* e apresenta algumas facetas que o fazem um momento *sui generis* quando colocado frente a outros.

A modernidade líquida, segundo Bauman (2004), pode ser qualificada a partir do estado atual das relações sociais, que não possuem um caráter seguro e definitivo, mas é marcado pela instabilidade e fluidez, tendo como metáfora o estado líquido das substâncias. Para este pensador as conexões entre sujeitos se dá a partir de vários aspectos, econômico, social, amorosos, mas possuem uma fragilidade em seu link, isto é, o sujeito contemporâneo





facilmente se conecta e facilmente se desconecta do outro, o que explicita o caráter vulnerável dos vínculos afetivos.

Bauman (2004) fala desse modo de relacionamento, que ao contrário dos outros modos, parece ter sido feito para o cenário líquido da vida moderna, em que há expectativa de que as possibilidades românticas surjam e desapareçam em grande velocidade e em volume cada vez maior, trazendo a ideia de ser a mais satisfatória e a mais completa forma de relacionar-se. Este pensador ainda argumenta que, diferentemente dos relacionamentos reais, os relacionamentos virtuais podem ser considerados mais simples, pois parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear.


O Tinder é utilitário: promove sociabilidades, ao mesmo tempo que permite ao seu usuário manter-se ou não conectado a alguém. No universo do Tinder, as pessoas facilmente se conectam e tão facilmente se desligam dos seus matches, caso o sentimento de interesse por alguém seja diminuído ou a conversa não corresponda às expectativas. Esse procedimento é tão rápido e tão fácil que pode até mesmo ser considerado um descarte, aproximando da ideia de consumismo as nossas relações afetivas.

Numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a ‘experiência amorosa’ à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, 2004, p.11-12).

O amor líquido explicitado pelo aplicativo Tinder contextualiza modos de relacionamento no e com o mundo, mas também a forma de como os sujeitos se inserem neste ambiente. Pode, portanto, oferecer uma leitura muito peculiar sobre discursos de corpo, gênero e sexualidade. No Tinder, ao iniciar cadastro, o público é dividido em masculino e feminino. Sabemos que existem outras maneiras de identificações sociais, tais como transexual ou transgênero, porém, o aplicativo, pautado no binômio homem/mulher, não oferta diversidade de possibilidades. Este fato não é uma coincidência ou casualidade: é a representação da heteronormatividade, marginalizando os demais sujeitos que não correspondem a ele.

Há uma significativa representação do corpo-desejo: fit, ou seja, a demonstração de interesse em ter uma forma física pautada no discurso de saúde e beleza contemporâneo. O corpo-desejo: fit é elemento retórico em público vasto. Para reforçar essa forma de colocar-se no mundo também é possível ter o registro, escrito no perfil, detalhando essa preferência e busca em questão, quando se destaca a prática de determinadas atividades físicas ou se





demonstra interesse por pessoas que tenham esses mesmos referenciais, explicitando a ideia de ser um corpo-desejo: fit.

Este indicador das relações sociais elege as pessoas com quem se deve manter contato em detrimento de outras, ignorando muitas vezes outras afinidade possíveis, o que evidencia a valorização de um tipo específico de corpo – ou de um discurso corporal – no mercado das sociabilidades. Há outras representações corporais no Tinder, porém o corpo-desejo: fit é um indicador muito relevante a respeito do entendimento e consideração sobre o corpo humano e os discursos produzidos a respeito.

Perceber que no Tinder há preferência por uma única possibilidade de corpo e marginalização de outras performances corporais significa atentar para a heteronormatividade compulsória, gordofobia, cultura de padronização da beleza e estética e binarismo de gênero. É sabido que encontramos este discurso para além do ambiente virtual, mas, não raro essa retórica é camuflada ou velada, assumindo outras formas de manifestação.

No Tinder, visualizar perfis com pessoas em ambientes esportivos, academias ou mesmo realizando atividades físicas nas ruas é corriqueiro, assim como também é representativa a quantidade de imagens de pessoas frente ao espelho, vendo-se não apenas no reflexo proporcionado por este objeto, mas como se tentassem ampliar a própria percepção de si ao socializarem essa imagem no aplicativo.


Além disso, a felicidade enquanto sintoma social<sup>3</sup> é difundida de modo generalizado em redes sociais. A felicidade é sentimento que rege as redes sociais, e não estar feliz poderia ser considerado algo desvalorizado no mundo do consumo afetivo virtual. Algumas pessoas até questionam: devo expor tristezas? Ninguém quer ver gente infeliz! Penso que a pergunta deveria ser reformulada: devo me expor? Caso não evidencie minhas vivências, o que perderei em minhas trocas simbólicas? Serei menosprezado? A felicidade, neste sentido, seria a matéria-prima primordial. Distanciar-se dela seria perigoso para a sociedade de consumo afetivo.

Pensar a respeito desses espaços que produzem sentidos e significados é pensar a contemporaneidade, os meios e mundos por onde passamos e construímos quem somos. É preciso perceber que os aplicativos e demais instrumentos tecnológicos são produtos das nossas demandas, existem por uma necessidade e que não há naturalidade nos discursos apresentados nesses ambientes. Ser sujeito da história do tempo presente e possuidor de um

---

<sup>3</sup> Uso este termo como uma provocação a respeito da representação de uma felicidade constante, eterna, infinita. Como se nossas vidas fossem permeadas apenas pela felicidade e que, viver qualquer outro sentimento fosse algo nefasto ou impróprio. Coloco, assim, a felicidade como um sintoma, sinal, signo de uma doença social.





olhar questionador é fundamental para a construção de alternativas frente a *modus vivendis* de relacionamentos frágeis e descompromissados, como o encontrado no âmbito do Tinder.

### Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

COSTANTINO, Fernanda Angelo. **Tinder: a vitrine de pessoas** (monografia). Niterói: UFF, Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **Mas, afinal, o que é o Tinder?** – Um estudo sobre a percepção que os usuários têm do aplicativo. *Verso e Reverso*, 30(75):186-195, setembro-dezembro de 2016. Unisinos – doi: 10.4013/ver.2016.30.75.03.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

